

Editorial

Este número da *Polyphonia* traz a público o vigor e a singularidade de análises sobre o tema do dossiê temático que estrutura a presente publicação: *Presença e lugar da filosofia na educação básica*. Ao reunir trabalhos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, para o compartilhamento de preocupações comuns quanto às questões teóricas e práticas do ensino da filosofia, a Revista mantém seu propósito de contribuir com o aprofundamento da discussão e reflexão de problemas candentes que permeiam a educação básica, como é o caso da disciplina de filosofia, que retorna à matriz curricular do Ensino Médio em meio a uma profunda crise do sistema escolar.

Espera-se, com a publicação deste dossiê, enriquecer a produção teórica que vem se avolumando nos últimos anos, no Brasil, sob a influência de um signo particularmente auspicioso: o adensamento, a partir de um núcleo comum de interesses, de estudos, eventos, pesquisas e publicações em torno desse campo emergente: o ensino da filosofia na educação básica. Por outro lado, espera-se que os artigos, a entrevista e a resenha aqui reunidos possam contribuir para se pensarem a presença e o lugar das Ciências Humanas na nova organização curricular do ensino médio, proposta pelo Ministério da Educação. Uma proposta que busca a integração disciplinar em quatro grandes áreas – linguagens, matemática, ciências da natureza e ciências humanas – e coloca grandes desafios à formação de professores para a educação básica.

No primeiro artigo que compõe o dossiê, “Considerações sobre a responsabilidade do professor e sobre o ensino de filosofia”, de autoria de Vanessa Sievers de Almeida, a interrogação recai sobre o sentido e os fins da educação. A partir de uma interlocução com Hannah Arendt, aponta as dificuldades de os professores assumirem a tarefa da educação em um mundo público que se encontra em crise. Porém, reconhece que existe uma

responsabilidade própria a ser assumida pelo professor, sem a qual sua tarefa educativa comprometeria a própria educação. À luz desses pressupostos, a autora problematiza “uma das alegadas razões para se reintroduzir essa disciplina [filosofia] no currículo escolar”. Será que seu “objetivo [deveria ser mesmo o de] promover o pensamento crítico dos alunos”?

Lilian do Valle também busca amparo na filosofia de Hannah Arendt para lançar uma interrogação filosófica que tem uma longa história: “*É possível ensinar a ética?*”. A autora revisita a história da filosofia para examinar o sentido da pergunta e busca em Hannah Arendt elementos para mostrar “a enorme dificuldade que envolve a questão da formação ética, que não pode ser realizada pelo ensino racional e nem sequer por um modelo acabado”. Diante da impossibilidade de se “ensinar” a ética, acompanhando Hannah Arendt, a autora mostra que pode-se “aprender a buscá-la”, pelo exercício da capacidade de pensar e julgar.

Partindo da constatação de que “o problema político e filosófico de hoje é recusar o controle e inventar novas formas de pensar, de sentir e agir, esse deve ser também um problema, se não de toda educação, ao menos do ensino de filosofia”. Esse é o mote do artigo de Renata Lima Aspis. Apoiando-se nas filosofias da diferença, a autora propõe que o ensino de filosofia não se dissocie da investigação política, para que assim possa funcionar “como resistência política na contemporaneidade”.

A professora e pesquisadora belga Sophie Klimis nos apresenta uma reflexão que busca na Grécia Antiga elementos que nos ajudam a pensar a situação do indivíduo na contemporaneidade. Mergulhado num individualismo que desafia o sentido próprio da educação, a socialização e a partilha de valores e conhecimentos, o indivíduo do mundo neoliberal vive imerso numa crise que não é apenas financeira, mas sobretudo uma crise de sentido. Ao voltar-se para o mundo grego, a autora nos convida a pensar o mundo comum, a pluralidade e a democracia como autolimitação, em oposição ao solipsismo que está na base da nossa modernidade.

No artigo “L’enseignement de la philosophie et le projet d’autonomie”, o professor francês Philippe Caumières põe em questão o lugar da Filosofia no ensino médio de seu país. Também na França, a educação escolar tem sofrido o ataque do modelo neoliberal. A tese defendida por Caumières é que o saber filosófico não se curva aos interesses utilitaristas de uma educação que vise à formação de um indivíduo pronto a

adaptar-se às necessidades do mercado. Desse modo o lugar da Filosofia é o de uma “atividade de reflexão distante das exigências de ordem econômica”.

O artigo de Luciene Maria Bastos parte de um diagnóstico da modernidade para mostrar que, diante da “tendência em separar cultura, educação, literatura, arte, civilização, enfraquecendo seus sentidos”, na atualidade, duas palavras de ordem têm demarcado o que se espera da educação escolar: “autonomia e criticidade”. Para questionar o uso indiscriminado desses conceitos, a autora retoma o sentido originário da palavra “autonomia”, buscando amparo no pensamento de Platão.

À luz de um diálogo com Nietzsche, Heidegger, Deleuze, entre outros, o artigo de Wanderley J. Ferreira Jr., por sua vez, interroga se “é possível ensinar filosofia como experiência do pensar em uma época dominada pela cibernética, ciência da informação e do controle, e que insiste em matar o desejo de filosofar mediante uma vida administrada e segura”. Com esse questionamento, o autor propõe repensar o lugar do ensino de filosofia em uma época que insiste em desvirtuá-lo e degradá-lo “à condição de algo interessante, porém inútil”.

O tema da interdisciplinaridade é o objeto do artigo de Almiro Schulz. Tomando por base a organização disciplinar do currículo do ensino médio, o lugar da Filosofia como disciplina curricular e as convergências possíveis entre diferentes ações disciplinares com vistas a uma atuação interdisciplinar, a proposta do texto é apresentar três formas possíveis de práxis interdisciplinar que se interconectam por meio do objeto, do método e da intervenção.

Com o intuito de pensar alternativas e possibilidades para o ensino de filosofia, o artigo de Rogério Basali compartilha experiências desenvolvidas em um Programa de Avaliação Seriada (PAS) da Universidade de Brasília (UnB), “orientado tanto para a formação contínua de professores em exercício, como para projetos protagonizados por estudantes dos cursos de licenciatura”. A proposta do texto é problematizar o ensino de filosofia a partir da formação de quem a ensina para chegar à seguinte questão: “Como alguém pode se tornar o professor que é?”, parafraseando, assim, a famosa sentença de Nietzsche em *Ecce Homo*.

Para refletir sobre a inserção da filosofia no ensino fundamental, Márcio Divino de Oliveira aponta as contribuições do ensino da disciplina,

“particularmente, para a formação de adolescentes do ensino fundamental, no 9º ano, neste tempo de mudanças e transformações, com vistas a dotar essas novas gerações com um saber que lhes permitam ser protagonistas de sua própria história neste mundo”. Considerando que não existe uma legislação que garanta a presença da filosofia no currículo do ensino fundamental, o autor apresenta uma proposta de inclusão de conteúdos filosóficos em projetos interdisciplinares que contemplem temas ligados à política, à ética e à ecologia.

O último texto que compõe o dossiê remete às experiências inaugurais com a inclusão da disciplina de Introdução à Filosofia no ensino do segundo grau, em dois estabelecimentos de ensino de Goiânia – Colégio de Aplicação/UFG e Colégio Rudá – nos anos de 1982 e 1983. Trata-se de um relato pessoal da professora Maria Helena Barcellos Café – à época, professora de Estágio em Filosofia, no Colégio de Aplicação, hoje Centro de Ensino e Pesquisa Aplicado à Educação (CEPAE) – em um encontro de professores, no ano de 1992. Ao proceder, trinta anos depois, a uma avaliação de suas experiências com as práticas de ensino da disciplina, conclui que “filosofia no ensino médio com uma aula por semana é *incapaz de atingir seus objetivos*, assim como também outras disciplinas introduzidas por lei o são, quando se limitam a uma aula semanal”. Pondera, ainda, que a disciplina de Filosofia “poderá, como outra qualquer, agir como elemento de transformação da escola se, e somente se, os professores desta disciplina tiverem uma visão geral da problemática educativa”.

Para contribuir com a reflexão do tema do dossiê, trazemos o testemunho do professor José Sérgio Carvalho, da Universidade de São Paulo (USP), em entrevista a Carmelita Felício e Evandson Paiva Ferreira. Por ser um pesquisador que se ocupa com o estudo dos vínculos entre o pensamento político de Hannah Arendt e a educação no mundo moderno, em sua entrevista recorre à concepção da pensadora para lembrar que a educação é “um problema político de primeira grandeza e como tal deve ser tratado”. Quanto à presença e o lugar da filosofia na educação básica, destaca que uma contribuição fundamental que ela poderia trazer à formação educacional é “justamente afirmar-se como uma forma de pensamento em desajuste com essa tendência escolar de só considerar o conhecimento a partir de sua suposta ‘utilidade’ prática”.

Completam esta edição três artigos resultantes de práticas de ensino e de pesquisa. Em “Formação de professores de matemática e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC): entre uma abordagem instrumental e determinista”, Divina Rosângela de Souza Costa Dias e Joana Peixoto partilham os resultados de uma pesquisa empírica com professores formadores do curso de Licenciatura em Matemática da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás) sobre as formas de uso das TIC. A pesquisa ensejou uma análise teórica e crítica para além das abordagens instrumental e determinista que veem fundamentando a integração das tecnologias aos processos educativos em nossa contemporaneidade. As autoras constataam que essa integração “demanda reflexões de caráter mais amplo, que procurem mais a problematização do que a indicação de normas e procedimentos a serem seguidos”.

O artigo “Percurso literários: uma ferramenta pedagógica e de promoção turística”, de cunho interdisciplinar, busca uma interação entre a educação, a literatura, as ciências, a filosofia e as artes para refletir sobre a problemática ambiental. Os “percursos” apresentados por Ana Tavares e Ana Lavrador resultam de explorações pedagógicas no âmbito do projeto *Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental*, ligado ao Instituto de Estudos de Literatura Tradicional da Universidade Nova de Lisboa. Além de destacadas as atividades desenvolvidas e os materiais originais produzidos, são partilhadas práticas de ensino integradoras que buscam responder aos desafios de educação para o século XXI, a saber, “a descompartmentação dos saberes; a transversalidade das competências; a articulação entre a teoria e a prática; o uso das tecnologias da informação e comunicação; os alunos como agentes da construção do seu conhecimento; o papel da experimentação, entre outros”.

Alexsandro Ribeiro Moura, no artigo “Poesia e cinema em sala de aula: uma leitura de Manoel de Barros” se atém às relações de intertextualidade e interdiscursividade que amparam “a concepção de língua e o uso da linguagem como práticas de interação verbal” preconizadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio, e, a partir da identificação de dificuldades (“uso não satisfatório da linguagem oral e escrita”) verificadas em alunos do ensino médio integrado do Instituto Federal de Goiás (IFG) (*Campus* de Aparecida de Goiânia), realiza uma experiência que aproxima a poesia de Manoel de Barros e o cinema. O artigo analisa o resultado

dessa experiência por meio do qual foi possível “refletir, juntamente com os discentes, sobre a constante relação intertextual das diversas artes do século XX, sobretudo no que se refere às representações da era digital e do mundo das tecnologias contemporâneas”.

Por último, o professor Marcelo Senna Guimarães, na resenha do livro *Filosofia: entre o ensino e a pesquisa*, organizado por Carmelita Brito de Freitas Felício, avalia de forma positiva os textos da coletânea, fruto de uma experiência com a pesquisa e a intervenção pedagógica realizadas por estudantes e professores da UFG no Colégio Estadual Pré-Universitário, no âmbito do PIBID, nos anos de 2009 a 2011. Na avaliação do resenhista, o grande mérito desse programa é propiciar produções como esta, que não se limitam a mostrar “as dificuldades que a filosofia encontra na escola”, mas procuram articulá-las ao debate e à experimentação de estudantes e professores que se “mobilizam, com preocupação e cuidado próprios da academia, textos, autores e conceitos filosóficos para pensar questões relativas ao ensino, à aprendizagem e ao exercício da filosofia e do pensamento”.

Os editores agradecem a colaboração dos autores que tornaram possível a edição deste número da *Polyphonia* e renovam o convite aos pesquisadores que se ocupam com o estudo de temas e problemas ligados à educação básica a submeterem seus textos para as edições futuras da Revista. Finalmente, fica o convite aos leitores que, diante da multiplicidade de perspectivas aqui apresentadas, poderão acolhê-las ou recusá-las. Não obstante, terão reiniciado, uma vez mais, o exercício de pensar as questões que os textos aqui reunidos conseguem levantar e provocar, sobretudo para aqueles que, por escolha ou por destino, trilham caminhos que se cruzam com a educação e a filosofia.

Carmelita Brito de Freitas Felício
Evandson Paiva Ferreira
Organizadores